

ARTIGO

A caravana passa



A economia brasileira prepara-se para experimentar um salto monumental.

Alguns dados são muito expressivos.

Se tomarmos os resultados do setor de transporte aéreo comparando outubro deste ano com outubro do ano passado, o aumento é de quase 40%.

Claro que outubro foi o mês do crash. Mesmo assim, a recuperação é significativa, pois se analisarmos os dados de julho (2009) contra julho (2008), o crescimento foi de 20%.

No ano, o desempenho esperado deverá ser superior a 10%. Em 2010, espera-se que o transporte de passageiros avance mais de 12%.

A renda também cresce a uma taxa superior a 5%.

Ora, mesmo sem a qualidade que esses números poderiam espelhar se tivéssemos realizados as reformas tributária e do Estado, o crescimento que está por vir será extraordinário e colocará o país em outro patamar econômico.

No entanto, duas questões são centrais e precisam ser superadas: a qualidade pedestre do debate político e a hegemonia do estado sobre a sociedade.

Ambas estão imbricadas.

A debilidade da agenda política transpassa por todos os setores da sociedade.

Desde a besteira reinante nas observações de quem se dá ao trabalho de postar um comentário na internet até as tribunas da Câmara e do Senado.

A participação política oscila entre quatro vetores: a pura bobagem, o interesse menor, o desinteresse e o fundamentalismo.

Ainda que bem que o fundamentalismo no Brasil é praticamente limitado a lunáticos, como setores do MST, entre outros poucos.

As conseqüências da hegemonia do estado sobre a sociedade são óbvias: o corporativismo exacerbado de quem controla posições-chave no estado; a distribuição seletiva de benefícios em detrimento de políticas globais e de alcance ilimitado; o caráter subalterno das relações entre a sociedade e o poder

público; e a fragilidade da proteção institucional do cidadão submetida ao voluntarismo e ao protagonismo sem limites dos poderes públicos.

O crash de 2008 teve a infelicidade de acentuar ainda mais o debate sobre o papel do estado ao aliar nossa precária capacidade de reflexão ao caráter subalterno de nossas relações com o poder público, uma herança colonial que estende seus malefícios ao século XXI.

A resultante é a sua elevação ao nível máximo como agente assegurador do bem estar e do progresso em detrimento da sociedade.

Claro que não funciona assim. Como diria o filósofo José Genoíno, “uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa”.

Contemplamos simultaneamente a caravana da economia avançando rumo ao futuro e o lento processo de mudanças na política ocorrendo lentamente.

Salvo as ações da justiça, os aperfeiçoamentos são conseguidos em compotas.

Evidente que, considerando o paradoxo do salto qualitativo da economia frente ao caráter arcaico do nosso desenvolvimento político, temos uma situação na qual nossas potencialidades continuam a ser subaproveitadas.

Mesmo no momento em que o mundo se volta para o Brasil com especial – e inédita – atenção.

Considerando o quadro, fica evidente a dependência que temos da qualificação, do altruísmo de nossos líderes e de uma boa parcela de sorte.

Cada um com suas virtudes e vícios, nossos últimos presidentes tiveram mais acertos do que erros.

Com a proximidade das eleições presidenciais, temos quatro ou cinco bons candidatos.

Pena que representem, de forma inequívoca, uma adesão incontestante à fórmula em vigor: uma sociedade fraca sob um estado forte.

Murillo de Aragão *é cientista político*

[Receba este blog](#)

[Permalink](#)

[Envie](#)

- Compartilhe:
- **[Del.icio.us](#)**
- **[Digg](#)**
- **[Technorati](#)**
- **[Stumble Upon!](#)**

Comente **[Ler comentários \(18\)](#)**